

SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DE SÃO PAULO

SEBRAE-SP

PESQUISAS ECONÔMICAS

***Impactos da Desvalorização do Real nas MPEs
Paulistas***

(Relatório de Pesquisa)

Realização:



Maio de 1999

Sondagem do Pequeno Empresário Paulista -SEBRAE – SP

IMPACTOS DA DESVALORIZAÇÃO DO REAL NAS MPEs PAULISTAS

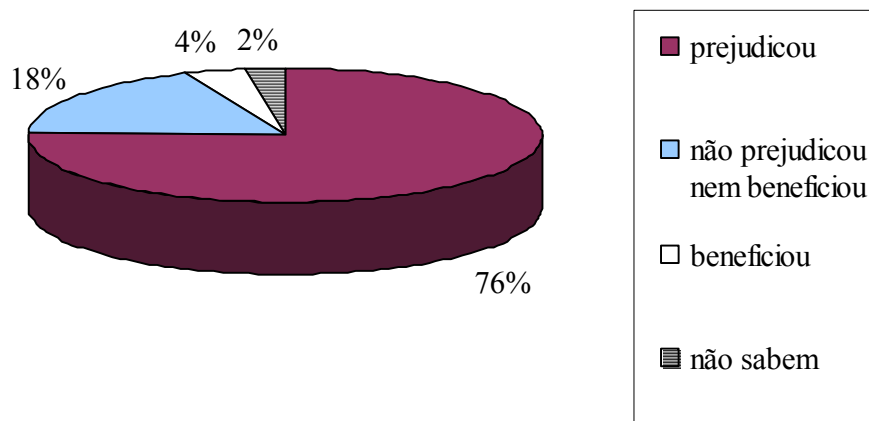
Resumo

Na avaliação das Micro e Pequenas Empresas (MPEs) paulistas, até este momento, a desvalorização do real frente ao dólar trouxe mais prejuízos do que benefícios. Entre os efeitos negativos destacam-se o aumento nos custos das matérias-primas e mercadorias compradas (citado por 90% das MPEs) e a queda no consumo (citada por 76% das MPEs). No curto prazo, o ajuste que estas empresas vêm promovendo envolve, principalmente, a redução das margens de lucro e o repasse parcial dos acréscimos de custos aos preços. A expectativa das empresas para o 2º trimestre do ano é de um quadro econômico tendendo à estabilização, com ligeira recuperação da demanda e com alguma pressão adicional de custos. No entanto, dado o limite da estratégia anterior de reduzir as margens de lucro, esta tende a ser paulatinamente substituída pela estratégia de repassar os novos aumentos de custos aos preços praticados pelas empresas. A desvalorização do câmbio implica mudanças de preços relativos na economia, em favor da produção interna. A longo prazo, isso tende a trazer benefícios às empresas. Contudo, especificamente para as MPEs os benefícios da desvalorização tendem a ser sentidos apenas indiretamente, via expansão da renda interna, à medida que as exportações brasileiras se expandam e a economia volte a apresentar crescimento.

1. Avaliação Geral

Na avaliação dos micro e pequenos empresários, até agora, a desvalorização do real frente ao dólar trouxe mais prejuízos do que benefícios para estas empresas. Em média, cerca de 76% das MPEs afirmam terem sido prejudicadas com a desvalorização cambial, 18% responderam que a desvalorização “não prejudicou nem beneficiou”, 4% se julgam beneficiadas e 2% não souberam avaliar.

Gráfico1 - Qual foi o impacto da desvalorização do real para a sua empresa?

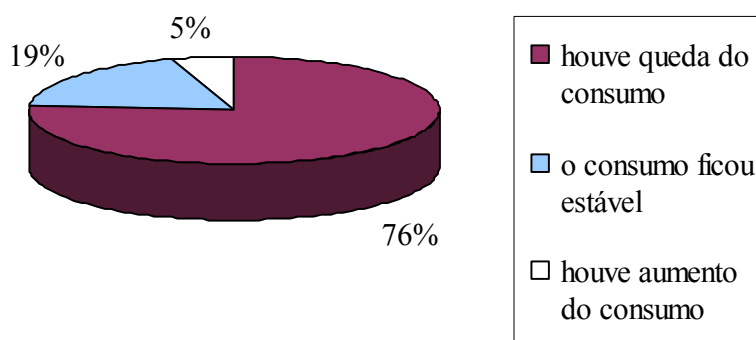


Fonte: Sebrae-SP (Pesquisa de Campo)

2. Efeitos Negativos da Desvalorização Cambial

Entre os aspectos negativos associados às mudanças no câmbio, pelo lado da demanda, a maior parte das empresas sofreram uma redução no consumo de seus produtos. Cerca de 76% das MPEs tiveram queda no consumo, 19% afirmaram que o consumo ficou estável e apenas 5% tiveram um aumento de demanda após a desvalorização. Em parte, a redução no consumo verificada pela maior parte das empresas se deve à abrupta mudança promovida na política cambial no mês de janeiro, que ampliou as incertezas na economia, levando à postergação das decisões de consumo e investimento das empresas e consumidores, nos primeiros meses do ano. Deve-se lembrar, no entanto, que o efeito negativo sobre a demanda ocorreu justamente num período em que as vendas são sazonalmente mais fracas. Portanto, a desvalorização do real apenas reforçou a tendência de queda nas vendas que normalmente ocorre nos primeiros meses do ano.

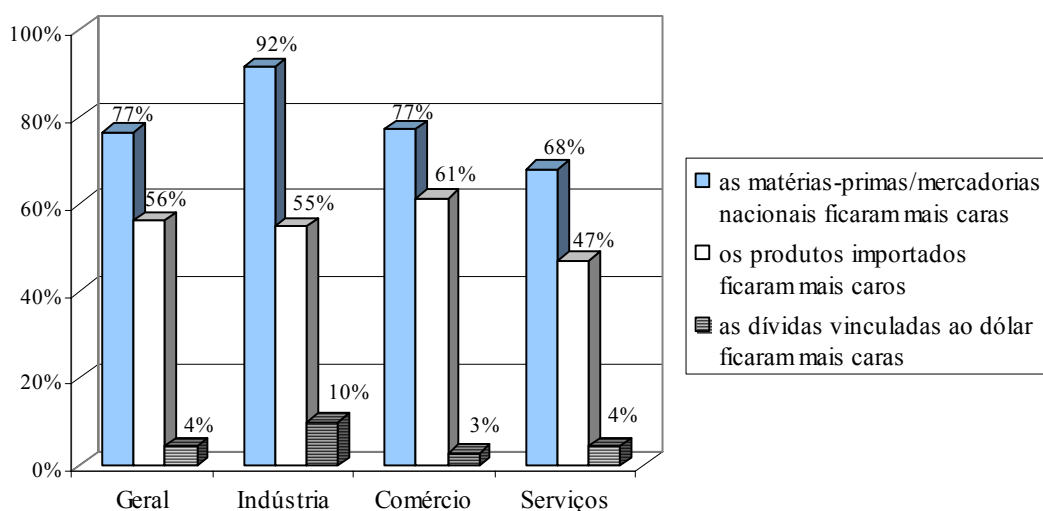
Gráfico 2 – Efeitos da desvalorização com respeito à demanda



Fonte: Sebrae-SP (Pesquisa de Campo)

Já pelo lado dos custos das empresas, a desvalorização do real tende a prejudicar as empresas que fazem uso de insumos importados, insumos nacionais cujos preços são dolarizados e aquelas que têm dívidas atreladas à variação cambial. Esta pesquisa mostrou que praticamente todas as empresas que se encontravam numa dessas três situações sentiram, de imediato, os efeitos da desvalorização. Em média, cerca de 77% das MPEs sofreram aumento de custos nas matérias-primas nacionais cujos preços estão atrelados à cotação do dólar, 56% compravam insumos importados (matérias-primas e/ou mercadorias) e tiveram acréscimos de custos imediatos decorrentes da desvalorização e 4% tinham dívidas que foram majoradas por estarem vinculadas à variação do câmbio.

Gráfico 3 – Efeitos da desvalorização com respeito aos custos com materiais



Fonte: Sebrae-SP (Pesquisa de Campo)

No período pós-desvalorização, na maior parte dos casos, os tipos de matérias-primas e mercadorias compradas pelas MPEs que sofreram maior aumento vêm de segmentos semelhantes. Tratam-se, principalmente, de insumos e produtos de origem nos segmentos químico, metal-mecânico, plásticos e borracha, têxtil, eletroeletrônico, papel e papelão e de alimentos e bebidas.

Quadro 1 – Matérias-primas ou mercadorias compradas pelas MPEs que sofreram maior aumento após a desvalorização cambial

Setor	Matérias-primas/Mercadorias mais citadas	Total de itens citados	Variação média (*)
Indústria	Produtos químicos (tintas, colas, pigmentos, etc)	112	29%
	Metalurgia básica (aço, alumínio, cobre, etc)		
	Produtos de metal (arames, pregos, molas, etc)		
	Plásticos e borracha (espuma, pvc, etc)		
	Têxtil (tecidos, linhas, etc)		
Comércio	Alimentos e bebidas (farinha de trigo, leite, carne, etc)	332	35%
	Produtos químicos (remédios, shampoo, etc)		
	Eletroeletrônicos (disco rígido, monitores, etc)		
	Produtos de metal (ferragens, rolamentos, etc)		
	Plásticos e borracha (embalagens, pneus, etc)		
	Têxtil (roupas em geral, etc)		
Serviços	Produtos químicos (tintas, shampoo, óleos automotivos, etc)	154	38%
	Eletroeletrônicos (secador, cabeça de vídeo, toca-fitas, etc)		
	Produtos de metal (molas, velas automotivas, rolamentos, etc)		
	Metalurgia básica (níquel, cromo, alumínio, bronze, etc)		
	Papel e papelão (papéis em geral, impressos, etc)		
TOTAL		598	35%

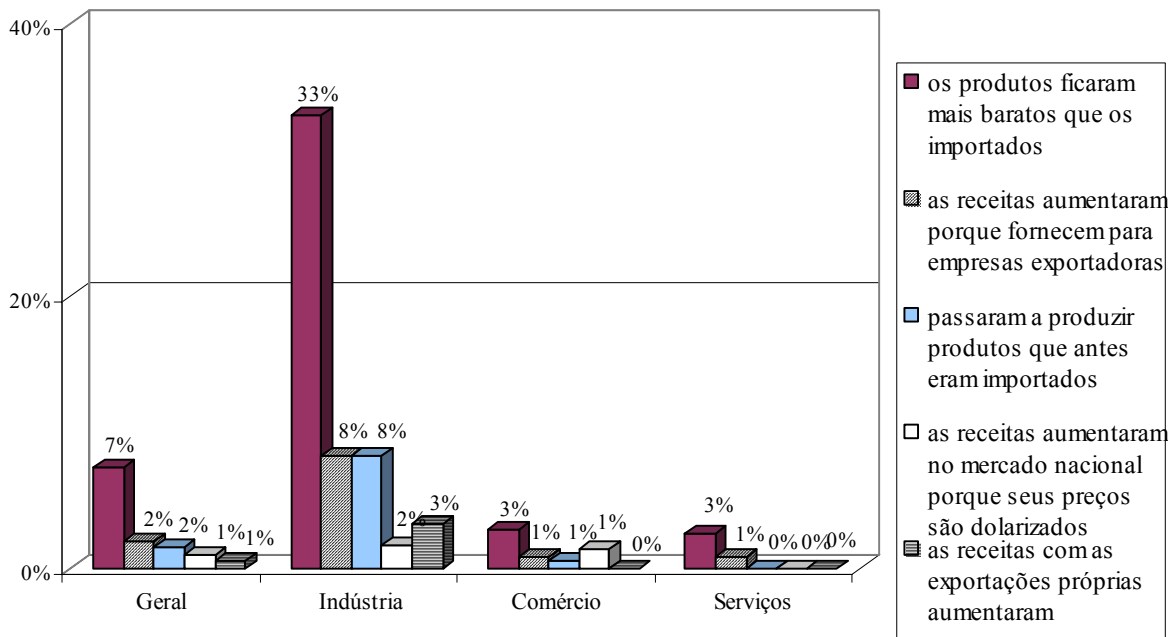
Fonte: Sebrae-SP (Pesquisa de Campo)

(*) Média aritmética simples da variação de preços dos itens que sofreram maiores aumentos de preços (itens afetados pela desvalorização cambial), entre 13/01/99 e a semana de 12 a 22/04/99.

3. Efeitos Positivos da Desvalorização Cambial

A desvalorização do câmbio implica mudança nos preços relativos da economia e tende a favorecer as empresas exportadoras, as que fornecem para empresas que exportam, as que têm seus preços atrelados ao dólar, as que concorrem diretamente com produtos importados e as que podem passar a produzir produtos que antes eram importados. Este trabalho mostra que, até o momento, foram poucas as empresas que já observaram os efeitos positivos da desvalorização cambial.

Gráfico 4 – Efeitos positivos da desvalorização já observados (efeitos imediatos)



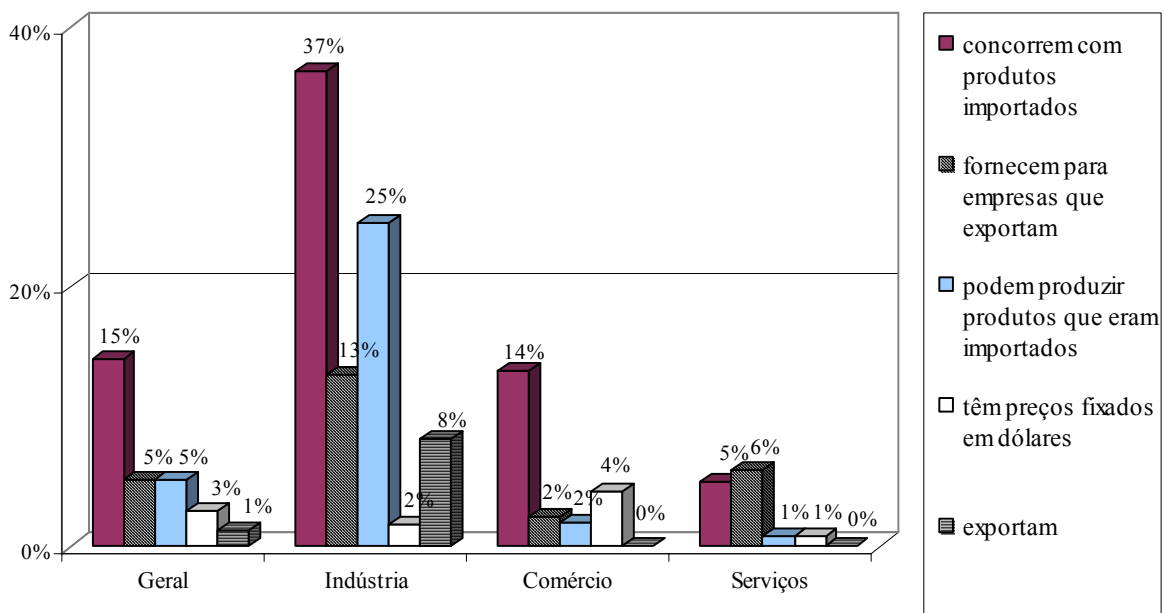
Fonte: Sebrae-SP (Pesquisa de Campo)

Apenas 7% das MPEs afirmaram que seus produtos ficaram mais baratos que os importados, 2% verificaram um aumento nas receitas porque fornecem para outras empresas que exportam, 2% passaram a produzir produtos que antes eram importados, 1% tiveram aumento de receita porque seus preços são dolarizados e 1% tiveram aumento de

receita porque realizam exportações próprias. É digno de nota que os benefícios imediatos já observados se concentram nas MPEs da Indústria.

É importante destacar também que os benefícios da desvalorização tendem a aparecer, apenas, no longo prazo. Estes benefícios decorrem principalmente do processo de retomada do crescimento da economia, a partir de uma nova relação de preços relativos mais favorável à produção doméstica. No entanto, aparentemente, os benefícios diretos tendem a se estender a um grupo relativamente pequeno de MPEs. Isto, porque, em média, apenas 15% das MPEs afirmaram que concorrem diretamente com produtos importados, 5% fornecem para empresas que exportam, 5% podem passar a produzir produtos que antes eram importados, 3% têm seus preços fixados em dólares e 1% das empresas exportam. Novamente, observa-se que são as MPEs da indústria as que mais tendem a se beneficiar no longo prazo com a desvalorização cambial.

Gráfico 5 – MPEs que podem se beneficiar com a desvalorização, no longo prazo



Fonte: Sebrae-SP (Pesquisa de Campo)

Nota-se, portanto, que é relativamente baixo o número de MPEs que, no longo prazo, podem se beneficiar diretamente de uma taxa de câmbio menos valorizada. No entanto, isto não significa que as MPEs não se beneficiarão da mudança ocorrida no câmbio, mas sim que a maior parte das MPEs só sentirão os benefícios da desvalorização de forma indireta, a partir da retomada do crescimento da economia como um todo. Retomada que, mantida a política econômica atual, tende a ser liderada pela expansão das exportações brasileiras, em especial das grandes empresas exportadoras.

4. O ajuste das MPEs no curto prazo

O quadro abaixo ajuda a compreender a natureza do ajuste realizado pelas MPEs, após a desvalorização do real. A maior parte das empresas mantiveram relativamente estáveis o número de empregados (73% das MPEs) e o valor dos salários pagos (91% das MPEs). No entanto, para 90% das MPEs houve aumento de custos (seja de insumos nacionais ou importados). Diante disso e de uma demanda relativamente fraca (76% das MPEs verificaram uma queda na demanda), cerca de 78% das MPEs tiveram de reduzir suas margens de lucro. Concomitantemente a isso, cerca de 53% das empresas promoveram algum tipo de repasse dos custos para seus preços, sendo que a maioria dessas empresas realizaram um repasse apenas parcial dos aumentos de custos.

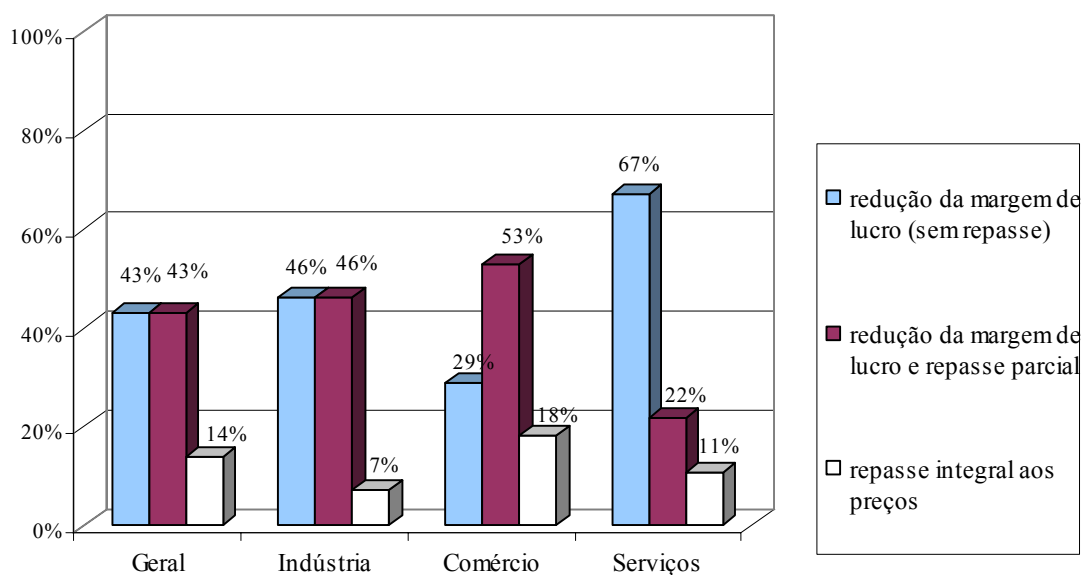
Quadro 2 - O que aconteceu na sua empresa após a desvalorização do real

	Aumentou	Diminuiu	Ficou Estável	Não se Aplica
Número de empregados	4%	20%	73%	3%
Valor dos Salários	2%	5%	91%	2%
Custo dos materiais e/ou das mercadorias compradas	90%	1%	7%	2%
Preço dos produtos (ou serviços) da sua empresa	53%	3%	44%	-
Demanda pelos produtos (ou serviços) da sua empresa	5%	76%	19%	-
Margem de lucro (Receitas menos Custos)	2%	78%	20%	-

Fonte: Sebrae-SP (Pesquisa de Campo)

Como é possível verificar pelo gráfico abaixo, das MPEs que sofreram aumentos de custos (com mão-de-obra, matérias-primas e/ou compra de mercadorias), cerca de 43% das MPEs absorveram completamente estes aumentos através da redução nas margens de lucro praticadas, outras 43% combinaram uma redução de margem de lucro com repasse parcial e apenas 14% realizaram repasse integral dos aumentos de custos para os preços. Observe-se que foi no setor de serviços que as MPEs mais adotaram a estratégia de redução de margens de lucro.¹

Gráfico 6 – Estratégias adotadas pelas MPEs frente aos aumentos de custos

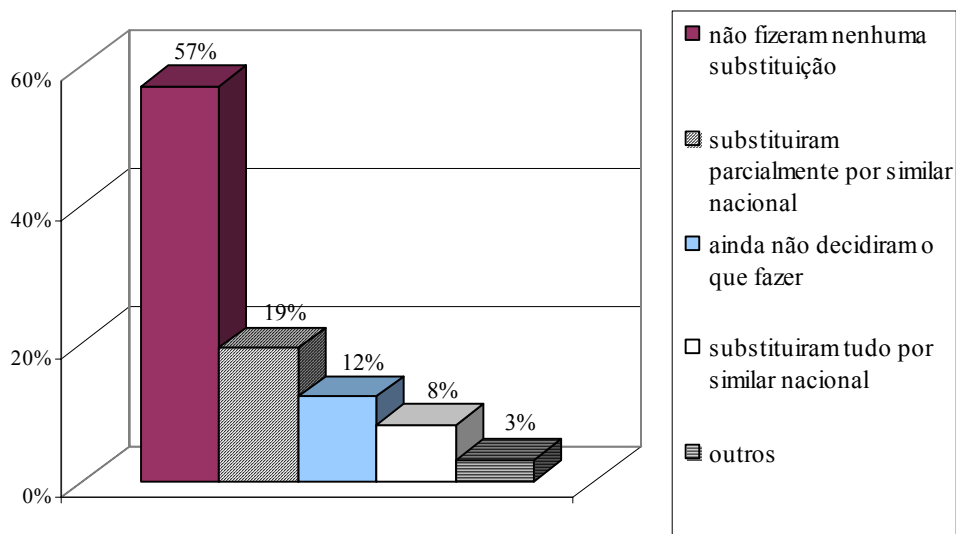


Fonte: Sebrae-SP (Pesquisa de Campo)

¹ A maior redução na margem de lucro no setor de serviços pode estar associada à maior queda no consumo sofrida pelas MPEs deste setor, a partir da desvalorização cambial. A esse respeito, a Pesquisa de Conjuntura das Micro e Pequenas Empresas do Estado de São Paulo (Pecompe) mostrou que, no primeiro trimestre de 1999, o faturamento médio das MPEs de serviços sofreu uma queda de 25,1% contra o mesmo período do ano anterior.

Com relação às MPEs que fazem uso de matérias-primas ou mercadorias importadas, cerca de 57% ainda não fizeram nenhuma substituição de insumos importados por outros de origem nacional, 19% substituíram parte dos insumos importados por produtos brasileiros, 12% ainda não decidiram o que vão fazer, 8% fizeram substituição total dos importados por similar nacional e 3% deram outras respostas a esta questão. Estes dados mostram uma certa rigidez com relação à possibilidade de substituir os insumos importados no curto prazo, seja devido à uma postura de cautela frente às flutuações do câmbio, por rigidez de natureza técnica relativa aos processos de produção e/ou pela necessidade de cumprir contratos firmados no período anterior à mudança no câmbio.

Gráfico 7 – Estratégias adotadas pelas MPEs que usam insumos importados



Fonte: Sebrae-SP (Pesquisa de Campo)

5. Perspectivas para o 2º trimestre de 1999

Com relação às expectativas dos micro e pequenos empresários para o 2º trimestre deste ano, para a maior parte das empresas a tendência é que o quadro econômico se estabilize. Cerca de 90% das MPEs esperam que o valor dos salários permaneçam inalterados, 83% acreditam que o número de empregados deverá ficar estável, 70% pretendem manter os preços praticados nos níveis atuais, 53% acreditam que os custos com materiais e mercadorias devem ficar estáveis, 49% esperam um nível de demanda estável e 46% têm a expectativa de que as margens de lucro vão permanecer estáveis. Apesar deste quadro esperado de estabilidade, parte das empresas ainda espera que ocorra algum aumento nos custos dos materiais (30% das MPEs) e uma queda adicional da margem de lucro (38% das MPEs). Adicionalmente, cerca de 30% das MPEs esperam um aumento na demanda de seus produtos para o 2º trimestre.

Quadro 3 – Expectativas das MPEs para o 2º trimestre de 1999

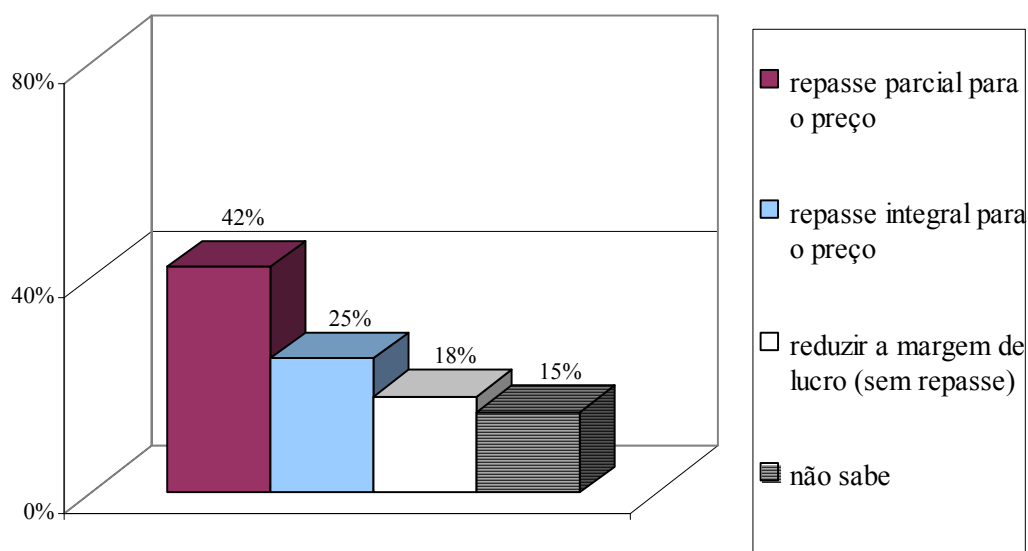
	Vai aumentar	Vai diminuir	Vai ficar estável	Não se Aplica
Valor dos Salários	5%	4%	90%	2%
Número de empregados	5%	11%	82%	2%
Preço dos produtos (ou serviços) da sua empresa	22%	8%	70%	-
Custo dos materiais e/ou das mercadorias compradas	30%	15%	53%	2%
Demanda pelos produtos (ou serviços) da sua empresa	30%	22%	49%	-
Margem de lucro (Receitas menos Custos)	16%	38%	46%	-

Fonte: Sebrae-SP (Pesquisa de Campo)

Finalmente, caso os custos das empresas, de fato, venham a sofrer novos aumentos, a estratégia que predominou até o momento (redução das margens de lucro) tende a ser

paulatinamente substituída pelo repasse dos custos aos preços. Provavelmente essa mudança deve estar associada ao limite para a redução das margens de lucro. Cerca de 42% das MPEs tendem a repassar parcialmente novos aumentos de custos para os preços, 25% tendem a repassar integralmente novos aumentos de custos, 18% vão reduzir as margens praticadas e 15% não sabem.

Gráfico 8 – Estratégias que tendem a ser adotadas pelas MPEs caso ocorram novos aumentos de custos



Fonte: Sebrae-SP (Pesquisa de Campo)

Realização: Sebrae-SP e Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe).

Coordenadores: Marco Aurélio Bedê (Sebrae-SP) e Maria Sylvia M. Saes (Fipe)

Equipe Técnica: Pedro João Gonçalves, Hao Min Huai, Rudiney Toneto Jr., Douglas Nakazone, Rodrigo Lanna, Fernando Silas e Ana Flávia Teixeira.

Nota Metodológica:

Esta sondagem foi feita a partir de uma amostra de 395 empresas de micro e pequeno porte da Indústria, Comércio e Serviços, entre os dias 12 e 22 de abril de 1999. Tal amostra é representativa do universo das MPEs do Estado de São Paulo. A seleção das empresas foi realizada de forma aleatória, sendo o plano amostral elaborado por conglomerados, abrangendo empresas localizadas em trinta e um municípios do Estado de São Paulo, incluindo a Região Metropolitana de São Paulo, Baixada Santista e Interior. A amostra é composta por 79% microempresas e 21% empresas de pequeno porte. A distribuição setorial das empresas entrevistadas é a seguinte: Indústria (15%), Comércio (55%) e Serviços (30%). A margem de erro da pesquisa é de 5 pontos percentuais para um coeficiente de confiança de 95%.

Sebrae-SP - Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de São Paulo
Área de Pesquisas Econômicas.
Rua Vergueiro, 1.117 – Paraíso,
Tels. : 3177-4715/4709/4712
CEP 01504-001 – São Paulo – SP.
Homepage: <http://www.sebraesp.com.br>.
e-mail: pesqeco@sebraesp.com.br